

Janaína Dutra Silvestre Mendes  
 Instituto Nacional de Câncer (MS-INCA), Rio de Janeiro, Brasil

## INTRODUÇÃO

As mulheres já ocupam a maior parte das cadeiras dos cursos de graduação, mas ainda estão sub-representadas em cargos de chefia e liderança. No geral, as mulheres que optam por ingressar na carreira de física médica clínica permanecem e progredem no campo. No entanto, há comparativamente menos mulheres em cargos de liderança. Estima-se (fora do Brasil) que há uma perda de 70% das mulheres ao longo de uma carreira típica de um físico médico. Os trabalhos relativos às motivações para adesão às associações são vastos e revelam fatores dos mais instrumentais aos mais altruístas e que se conjugam com perfis e trajetórias. As associações contemporâneas assumem um conjunto plural de funções, que apesar de ligadas de uma forma ou outra à esfera científica, vão além da comunicação entre pares ou do desenvolvimento do saber científico. No que diz respeito aos investigadores e às associações, assumindo o caráter profissional desta adesão, será de esperar que os interesses individuais como a formação, a integração na comunidade ou o prestígio assumam maior relevância. Sendo assim, a participação na presidência dessas associações traz um grande capital político (e científico) àqueles que lograram esta posição. Sendo assim, o objetivo deste artigo é mapear a composição das diretorias da ABFM ao longo de seus 50 anos de existência para verificar se há paridade de gênero em seus postos ao longo destes anos.

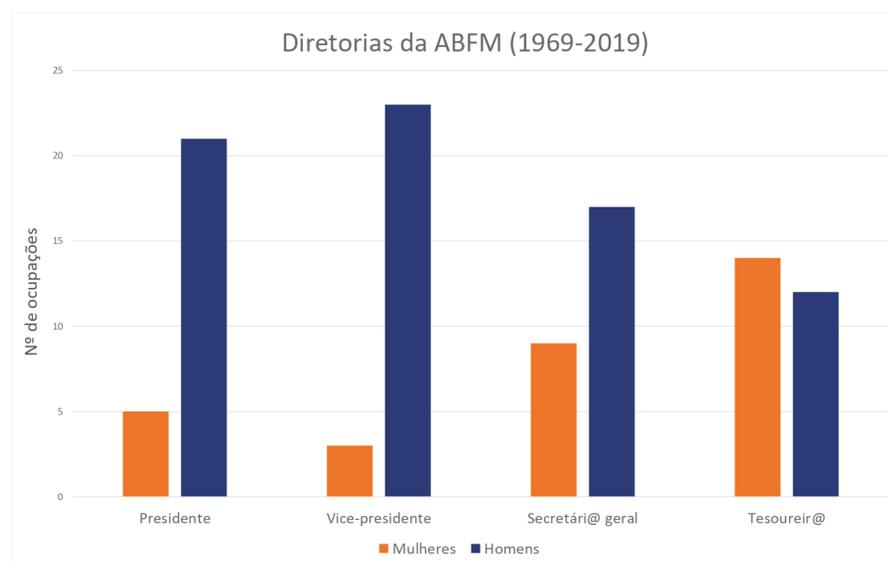
## MÉTODOS

Foram compilados os dados referentes às diretorias da Associação Brasileira de Física Médica (ABFM) desde sua criação até a diretoria atual (1969-2019). De acordo com o estatuto da instituição, as diretorias são compostas por um presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário geral e secretários regionais. Porém, sobre as diretorias anteriores só estão disponibilizadas informações sobre os quatro primeiros cargos anteriormente citados. Tais dados foram plotados em um gráfico, com os cargos divididos por gênero, para melhor visualização.

## RESULTADOS

De 1969 a 2019, houve 26 diretorias compostas por 103 postos ao longo deste tempo, destes postos 72 foram ocupados por homens (70%) e apenas 31 por mulheres (30%). Em 21 delas (81%), há a presença feminina ocupando pelo menos um dos cargos. Das diretorias que contaram com mulheres em seus quadros, em 62% delas havia apenas uma mulher, 29% com 2 mulheres, 10% com 3 mulheres no grupo e não houve nenhuma gestão formada exclusivamente por mulheres. Dentre os cargos rastreáveis desde a primeira gestão (presidente, vice-presidente, secretário geral e tesoureiro), as mulheres ocuparam a presidência apenas 5 vezes (19%) e, majoritariamente, ocuparam os cargos de tesoureiras (54%) e secretárias gerais (35%), como mostra a Figura 1.

**Figura 1** – Gráfico com o número de pessoas que ocuparam as posições de presidente, vice-presidente, secretário geral e tesoureiro nas diretorias da ABFM de 1969 a 2019, separados por gênero.



## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

É sabido que a diversidade de gênero no ambiente de pesquisa pode impulsionar a descoberta científica, mas, para realizar plenamente o potencial de inovação, a inclusão deve ser cultivada em múltiplos níveis - da equipe de pesquisa à sociedade. A diversidade significa mais do que simplesmente reunir diversas equipes. Também deve-se analisar como o sexo e o gênero moldam as perguntas e os métodos que usados para alcançar insights na academia e no trabalho clínico dos físicos médicos. Nota-se, neste estudo, que, por um lado há uma ideia de inclusão das mulheres nos quadros de direção da ABFM, uma vez que elas estão presentes na maioria das gestões, e isso outorga a elas algum capital, porém não é o capital científico necessário para alçá-las a condição de presidentas. Por outro lado, percebe-se que esta suposta inclusão está permeada dos papéis de gênero percebidos e experienciados fora do microcosmos da ciência: de que as mulheres seriam 'melhores' em gerenciamento de contas e serviços ou que apenas 39,1% dos cargos de liderança (públicos ou privados) são ocupados por mulheres no Brasil e esta segregação a postos de tesoureiras e secretárias evidencia a violência simbólica dentro de um micro campo que as 'puxou' para dentro, porém não as permite que alcancem os postos de efetiva liderança dentro do próprio campo. Sendo assim, são necessárias estratégias e ações afirmativas para promover e garantir a equidade de gênero a partir das diretorias da ABFM, favorecendo, por meio do exemplo, a diversidade para beneficiarmos todo o campo da Física Médica.

Resumo e referências disponíveis em <http://bit.ly/mulheresabfm2019>

Projeto Gráfico: Área de Edição e Produção de Materiais Técnico-Científicos / INCA